

Minas Gerais mantém fechados 18 parques estaduais

08:20

(Cristiana Andrade/Estado de Minas)

18 parques estaduais em Minas Gerais foram fechados

Criados por decreto nos últimos 20 anos, 18 parques estaduais estão fechados em Minas Gerais. A lista está no site do Instituto Estadual de Florestas (IEF), órgão da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad) responsável pela administração das unidades de conservação. A maioria tem problemas fundiários e falta de infraestrutura, como portaria e alojamento, além de poucos funcionários para a fiscalização.

Um exemplo é o Parque Estadual do Sumidouro, criado em 1980, entre Lagoa Santa e Pedro Leopoldo, que até hoje não se tornou realidade. Sua implantação voltou a ser discutida no início deste ano, devido aos investimentos do governo do estado no desenvolvimento da região Norte da Grande BH. O parque é de grande importância arqueológica e hídrica – guarda várias cavernas, pinturas rupestres e um dos mais importantes aquíferos do estado –, e sua implantação deve ocorrer em breve. O perímetro previsto está dentro da Área de Proteção Ambiental Carste de Lagoa Santa (APA), unidade federal, administrada pelo Ibama.

“Pelo menos, saímos da inércia. Com mais duas reuniões, vamos eleger o conselho consultivo. Há conflitos, interesses pessoais, uma série de questões. Criar um parque não é da noite para o dia. Leva tempo, e o mais importante é ter a comunidade do nosso lado. Afinal, é ela quem vai nos ajudar a proteger a unidade de conservação”, diz o gerente do Sumidouro, Roberto Alvarenga.

Uma nova rodada de debates está prevista para avaliar a importância da implantação do Sumidouro e também os mecanismos de desapropriação. As datas ainda não estão acertadas. “Estamos conversando com as prefeituras e representantes das comunidades. O governo, o IEF, ninguém faz nada sozinho. Precisamos do apoio da população”, diz Alvarenga.

No entanto, quem vive nas áreas delimitadas como sendo do parque, no bairro da Lapinha, em Lagoa Santa, e Fidalgo e Quinta do Sumidouro, distritos de Pedro Leopoldo, lamenta por não saber o que vai acontecer. A comerciante de Fidalgo, Marlene Trindade, de 46 anos, diz que a comunidade está assustada. “A maioria tem como ganha-pão a extração de pedra (Lagoa Santa) e pequenas hortas. Muitos não ligam, pois acham que não vai acontecer nada. Eu fico sabendo das reuniões porque sou comerciante, mas muita gente da comunidade nem sabe da história”, diz.

Para a presidente da ONG Gruta Lapinha Viva, Luci Rosa da Silva, a comunidade está alarmada. “Muitas famílias nasceram e cresceram aqui e não sabem, por exemplo, como serão as desapropriações. É fundamental a implantação do parque, para proteger esse tesouro e riqueza de biodiversidade que temos aqui, mas a comunidade tem que ser ouvida”, diz.

De acordo com o coordenador de Unidades de Conservação do IEF, José Medina, a maioria dos parques não-implantados no estado não tem plano de manejo, infra-estrutura básica, além de projeto de prevenção e combate a incêndio, caça e invasões. “Não temos recursos financeiros para gerenciar as atividades nas unidades. Temos tentado, por meio de nosso grupo técnico, sanar as dificuldades, trabalhando na elaboração dos planos de manejo de várias das unidades e na implantação dos conselhos consultivos”, garante. De acordo com o IEF, dos 18 parques fechados, 12 estão com os planos de manejo em andamento e três já os têm.

Terça feira 12 de setembro de 2006